

Congresso só se reúne após eleição

152

Agora é definitivo: votação no Congresso só depois das eleições. Os líderes do Governo e da Oposição gastaram ontem quatro horas tentando um acordo em torno dos dois itens mais polêmicos da pauta de votações, a política salarial e a revisão orçamentária. Discussão inútil: os oposicionistas só votam o orçamento — que o Governo diz desejar — depois da questão salarial — que o Palácio do Planalto não quer discutir. Na falta de entendimento, o presidente do Congresso, senador Nelson Carneiro, nega-se a convocar outro esforço concentrado como o que deveria ter-se iniciado ontem.

A reunião dos líderes foi marcada por manifestações dramáticas. De um lado, o governista Renan Calheiros (PRN-AL) afirmou que o País está paralisado e encaminha-se para o caos, devido ao atraso na revisão orçamentária: "Faltará dinheiro para o salário dos servidores, o programa de leite e a LBA". Na trincheira oposta, os líderes oposicionistas previram consequências funestas caso persiste o arrocho salarial, adotando claramente a proposta orçamentária como "refém" para forçar a votação da política salarial: "A revisão do orçamento é nosso coronel Edgar Soares", comparou um deputado peemedebista, referindo-se ao recente sequestro daquele policial por presidiários fugitivos em Juiz de Fora.

ACORDO

As negociações realizadas ontem incluíram, numa primeira etapa, apenas os líderes dos partidos de Oposição — PMDB, PDT, PT, PCB, PC do B, PSB, PSDB e PL, ocasião em que ficou definida prioridade para a votação da política salarial. A proposta oposicionista aproveita o projeto de conversão do deputado Tidei de Lima (PMDB-SP), prevendo reposição trimestral com base no IPC ou gatilho salarial a ser disparado sempre que a inflação atingir os 15%, além da incorporação do abono a título de antecipação.

Foi com a chegada do líder governista Renan Calheiros que as partes quase entraram em acordo. A Oposição aceitou discutir propostas salariais alternativas, sempre com prioridade sobre a matéria orçamentária, desde que a bancada do Governo comparecesse a um novo esforço concentrado do Congresso, a ser convocado para a próxima semana — apenas os líderes do PSDB, PCB e PL foram contra a idéia, argumentando que os deputados não abandonariam suas campanhas 15 dias antes da eleição. Mas o novo esforço só foi abortado mesmo quando Renan Calheiros telefonou para o senador Nelson Carneiro, presidente do Congresso, recusando definitivamente a proposta. "Ninguém virá a Brasília nesta altura da campanha. Mas bem que poderíamos aprovar por voto de liderança a revisão orçamentária...", lamentou o parlamentar alagoano.

Na verdade, ao menos na opinião do deputado Euclides Scalco (PR), líder do PSDB, não há interesse real do Palácio do Planalto na votação do orçamento, tanto que não mobilizou sua bancada neste sentido: "Eles estão aproveitando este pretexto para enxugar ainda mais a liquidez. De quebra, põem a culpa no Congresso pelas medidas impopulares".

RAIMUNDO PACCÓ



Os líderes do centro e da esquerda reunidos: mais uma vez a constatação de que não terão quorum